

Saúde coletiva: reflexões metodológicas acerca da pesquisa nos espaços coletivos**Collective health: methodological reflections about research in collective spaces**

DOI:10.34117/bjdv6n6-367

Recebimento dos originais: 11/05/2020

Aceitação para publicação: 16/06/2020

Lídia Andrade Lourinho

Doutora Em Saúde Coletiva Pela Universidade De Fortaleza

Instituição: Universidade Estadual Do Ceará / Faculdade Pluciano Feijão

Endereço: Endereço: Av Silas Munguba 1700 - Bairro Itaperi Fortaleza-Ceará, Brasil

EMAIL: lidiandrade67@gmail.com

Karla Julianne Negreiros De Matos

Doutora Em Saúde Coletiva Pela Uece

Instituição: Universidade Estadual Do Ceará / Faculdade Pitágoras Fortaleza

Endereço: av. Dr. Silas munguba, 1700 - itaperi, fortaleza - ce, 60714-903

email: karlamatospsi@gmail.com

Glaydson Diego Negreiros De Matos

Graduação Em Medicina Pela Universidade Federal Do Ceará

Instituição: Hospital De Saúde Mental Professor Frota Pinto

Endereço: Rua Vicente Nobre Macêdo, S/N - Messejana, Fortaleza - Ce, 60841-110

email: glaydsondiego@gmail.com

Cybelle Façanha Barreto Medeiros Linard

Doutora Em Ciências Farmacêuticas - Universidade Federal De Pernambuco

Instituição: Universidade Estadual Do Ceará

Endereço: Av Silas Munguba 1700 - Bairro Itaperi Fortaleza-Ceará, Brasil

e-mail: cybellelinard@yahoo.com

RESUMO

O presente texto traz reflexões de natureza metodológica e operacional acerca da pesquisa nos espaços coletivos tendo por base a discussão da metodologia proposta de estudos na Saúde Coletiva a partir de ricas discussões que emergiram de uma disciplina do mestrado em gestão em saúde que tratava a pesquisa qualitativa. Trata-se de um ensaio reflexivo. Apresenta como principais resultados que, o pesquisador precisa assumir uma postura qualitativa e a fundamente epistemologicamente; que é primordial que em cada encontro se produza uma análise, que se exercite a capacidade de ver além; compreendendo que não se trata apenas de uma tarefa simples, de fazer-fazendo, mas uma tarefa de buscar novos dados ou maiores informações que possam contribuir para uma análise mais profunda da situação pesquisada. Conclui-se que para pesquisar nos espaços coletivos, assumindo a concepção qualitativa do fenômeno, solicita do pesquisador o exercício constante da sua posição ético política, a compreensão das construções intersubjetivas, a imersão nas relações sociais. Portanto, não cabe a mera aplicação de técnicas e sua discussão.

Palavras – Chave: Saúde Coletiva. Metodologia. Pesquisa Qualitativa. Conhecimento.

ABSTRACT

This text brings reflections of a methodological and operational nature about research in collective spaces based on the discussion of the proposed methodology studies in Public Health from the rich discussions that emerged from a master's course in health management that dealt with qualitative research. It is a reflective essay. It presents as main results that, the researcher needs to assume a qualitative posture and the epistemologically based one; that it is essential that at each meeting there is an analysis, that the ability to see beyond is exercised; realizing that it is not just a simple, to-do task, but a task of seeking new data or more information that can contribute to a deeper analysis of the researched situation. We conclude that in order to research in collective spaces, assuming the qualitative conception of the phenomenon, the researcher is asked to constantly exercise his political ethical position, to understand intersubjective constructions, to be immersed in social relations. Therefore, mere application of techniques and their discussion does not fit.

Keywords: Collective Health. Methodology. Qualitative research. Knowledge.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto traz reflexões de natureza metodológica e operacional acerca da pesquisa nos espaços coletivos tendo por base a discussão da metodologia proposta de estudos na Saúde Coletiva a partir de ricas discussões que emergiram de uma disciplina do mestrado em gestão em saúde que tratava a pesquisa qualitativa. Discussões que levantaram dúvidas, questionamentos e mudanças na maneira de pensar a pesquisa, pesquisar e ser pesquisador num contexto de intercessão entre Saúde Coletiva.

Apropriar-se dos métodos de pesquisa na Saúde Coletiva como ponto de referência necessita, antes de tudo, da discussão dos pontos de vista epistemológicos e filosóficos que se direciona para as questões sobre a prática da pesquisa, considerando a natureza do problema¹.

Pensamos ciência como produto do trabalho do homem, como uma maneira que o homem tem de construir seu mundo e entendê-lo para melhor apreende-lo. Essa afirmação nos aproxima da teoria crítica, desenvolvida na escola de Frankfurt, entre as décadas de 30 e 40 e que tem como principais pensadores: Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas². Esses pensadores fizeram oposição ao positivismo, como forma de apreensão da realidade, afirmando que o fenômeno social é sempre conformado pelo pensamento de quem o percebe, é banhado pela sua ideologia, pelo seu contexto histórico-cultural.

Os dados não falam por si, de modo neutro e verdadeiro, como afirmavam os positivistas. O que é dado depende do poder que o homem exerce sobre ele³. A ciência é ideológica e não apenas mera reprodução da ordem atual.

Em todo campo científico, no estudo de qualquer fenômeno, antes precisa considerá-lo em sua complexidade e considerar que os objetos de pesquisa afetam o pesquisador e são afetados por ele⁴. Na pesquisa social isso se torna mais claro, está mais exposto, visto que o objeto das ciências

sociais é histórico, inacabado, em constante transformação, são pessoas que vivem em uma sociedade, num determinado tempo e lugar, são afiliadas a determinados grupos sociais, cujos valores, crenças, visões de mundo estão atreladas ao contexto histórico anterior e vigente.

Com base na abordagem dialética, que considera a realidade como um todo complexo e que as partes desse todo estão em constante interação, acreditamos que para compreender melhor e mais profundamente uma determinada realidade social, a investigação, para além do aspecto quantitativo, deve contemplar seu aspecto qualitativo. Nosso objetivo não é excluir ou negar a importância do quantitativo, visto que, para nós, são inseparáveis e interdependentes, ou seja, não existem dicotomias entre os conceitos de qualitativo/quantitativo, e os mesmos podem e devem ser integrados quando necessário for, um dando subsídio ao outro⁵.

Para a nossa compreensão, um espaço coletivo deve ser visto como um lugar e um tempo construídos dinamicamente para possibilitar, facilitar encontros periódicos entre profissionais, entre sujeitos, que ao mesmo tempo tenham condição de refletir e intervir sobre sua própria prática. Referimo-nos aos espaços coletivos, seja uma equipe interdisciplinar, um coletivo de trabalho ou um curso de formação, como um espaço potencial para produzir realidades. Um lugar, um tempo que permite a experiência compartilhada, portanto, atender nos espaços coletivos precisa ser compreendido de forma intensa, diversificada e plural.

O trabalho guarda um triplo objetivo: trabalha-se para si mesmo; para garantir a sua existência e para construir significados de vida; e para reproduzir condições de trabalho em saúde e da própria organização do processo de trabalho⁶. No entanto, em saúde, nem sempre os interesses acontecem nestes três sentidos, visto que o trabalho acontece entre sujeitos com diferentes graus de conhecimento e poder que pertencem a diferentes paradigmas e possuem diferentes crenças e que possuem diferentes construções sócio culturais e organizacionais. Isso garante a impossibilidade de não discutir, mas sim, assumir o conflito. Ao invés de evitá-lo e procurar o constante consenso, é necessário construir espaços coletivos em que equipes e sujeitos, coletividade e subjetividade, possam lidar com as diferenças, construir vínculos, acordar contratos de convivência e principalmente de comunicação efetiva.

Nesse momento deparamos com os cuidados em saúde, no qual os profissionais necessitam olhar o sujeito em um contexto holístico, pois o mesmo não é só uma patologia ou uma queixa e sim está inserido em uma comunidade e uma família. Cabendo assim ao profissional buscar compreender esses contextos.

Trata-se de incluir sujeitos e coletivos nos mesmos espaços, sejam eles na atenção, na gestão ou na formação, ampliando assim as redes de comunicação e colaboração para além da hierarquia e

do corporativismo. O objetivo é modificar os limites dos saberes e dos campos de poder, sustentando que os sujeitos são capazes de produzir, construir, mudar.

Uma formação de sujeitos para transformar a racionalidade hegemônica ainda presente no campo da saúde, deve trabalhar simultaneamente com as instituições formadoras, num movimento dinâmico de interação do sujeito com o mundo e dos sujeitos entre si⁷. A formação deve buscar tanto o pensamento (construção de conhecimentos - teoria) como o agir (a prática).

A partir dos deslocamentos entre pensar e agir é possível refletir sobre o processo, analisar o saber e modificar a prática para se chegar à práxis. No contexto de trabalho da saúde,⁸ coexistem duas dimensões: a do conhecimento/saber e a da práxis, que diz respeito ao fazer que envolve todo o processo de trabalho. Ainda as autoras⁸ afirma ser nas práxis da saúde que se percebe que o saber é um dos elementos que se emprega no cotidiano da profissão, e este saber permite o ser, o fazer e o saber com ênfase na ação por meio da articulação do conhecimento, das competências, habilidade que permita ao profissional da saúde um trabalho interdisciplinar, na direção da integralidade do cuidado. Ressalta-se que os processos de trabalho que compõem-se do cuidar, gerenciar e educar, tendo objetivo o bem-estar do ser humano, objeto maior de seu processo de trabalho. Esses diferentes processos definem o papel que deve ser desempenhado pelos profissionais de saúde e que precisa ser evidenciado na formação do profissional e na práxis do cotidiano de trabalho

A partir do que foi acima exposto, este ensaio visa refletir sobre a possibilidade de pensar numa concepção que confirme a existência de interpenetralidade entre abstrato e concreto, objeto e sujeito, individual e coletivo.

2. PERCURSO METODOLÓGICO: DA TEORIA Á PRÁTICA, DO PENSAMENTO À AÇÃO

Buscar uma base teórico-filosófica que sustente a discussão da proposta de pesquisar na saúde coletiva, uma área multifacetada, necessita-se de ideias que conduzam para o tema da indivisibilidade entre teoria e prática, entre pensamento e ação⁹. Para isso precisamos imergir mais profundamente nos campos da filosofia, da sociologia e da política e para dar conta de atingir nosso objetivo foi realizado uma investigação descritiva, analítica, crítica e reflexiva sobre o tema através da técnica de análise de artigos e textos científicos.

Da filosofia de Gramsci¹⁰, a práxis inspirada no Marxismo, destaca a permanente interação entre vontade do homem (subjetividade) e objetividade do mundo, decorrendo daí a ideia do "devenir"¹¹. Para o autor, "(...) o homem devém, transforma-se continuamente com as transformações das relações sociais" (p.43).

Compartilhamos com Lefebvre o conceito de que ser humano é um estado, uma identidade, um aglomerado de características que nos consenti dizer que o ser humano transforma-se constantemente¹². Consequentemente, o pensamento é sempre movimento, nunca completo. Não existe um pensamento que abarque toda a verdade, mas alguma verdade. A contradição é essencial ao ser humano, portanto, é necessário reconhecer e trabalhar com as diferenças.

Resgatamos alguns autores da Psicologia que são inscritos na tradição dialética que inspiraram vários dos conceitos e categorias com as quais pretendemos trabalhar nesta pesquisa e se estabelecem na concepção do sujeito intersubjetivo: Vygotsky, Piaget, Pichón-Riviere. Da psicologia social de Pichon-Riviere¹³, frisamos o conceito de vínculo como alçada que acolhe o pensar, o sentir e o fazer com o outro, alicerce para a construção da subjetividade. Outra contribuição do autor se refere aos processos de mudança do sujeito, integrar para mudar, integração entre o sentir, o pensar e o agir para tomar decisões e lidar com contradições.

Outro autor que nos interessar assinalar pela sua na interação, pelo seu pensamento construtivista sócio-histórico é Vygotsky^{14, 15}. Para o autor, o pensamento, a capacidade de conhecer o mundo e nele agir é uma construção social que aflora da atividade do homem sobre o mundo. A partir da atividade externa, interpessoal, social, o indivíduo realiza um processo de internalização, de reconstrução de significados, transformando os conteúdos externos em consciência. Deste modo, o desenvolvimento intelectual acontece de fora para dentro e depende da mediação do social, da aprendizagem.

O primordial é que em cada encontro se produza uma análise, que se exercite a capacidade de ver além. Não se trata apenas de uma tarefa simples, de fazer-fazendo, mas uma tarefa de buscar novos dados ou maiores informações que possam contribuir para uma análise mais profunda da situação pesquisada.

Esse processo torna-se claro quando no contato diário na assistência em campo de cuidado, buscamos dá empoderamento para os pacientes, fazendo com que eles tenham conhecimento sobre as práticas de saúde e busquem potencializar suas situações de vida (saúde/doença).

3. RESULTADOS: AS CARACTERÍSTICAS QUE SE ASSENTAM AS PRINCIPAIS CRÍTICAS AO MODELO

O debate acontece no confronto entre o modelo das ciências naturais e o das ciências humanas/sociais. É preciso esclarecer a distinção entre esses solos epistemológicos e ao mesmo tempo, elucidar a hegemonia de um sobre o outro.

A pesquisa qualitativa enfoca o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, dando ênfase à subjetividade e ao mundo dos significados entre as relações humanas. A

busca qualitativa permite maior aprofundamento das experiências vivenciadas no cotidiano do conhecimento da realidade social, traduzido pelo mundo dos significados, iniciado pela detecção do problema que permeia interrogações diante das indagações sobre determinado assunto^{16,17,18}.

No que diz respeito à perspectiva e moldes, frente à variedade de vertentes que caracterizam a tradição qualitativa^{19,20}, uma pesquisa com abordagem qualitativa coaduna com um enfoque crítico-interpretativo, visto que tem a subjetividade na interface com a materialidade a que se vincula, dialeticamente. Nessa circunstância há a possibilidade de refletir criticamente sobre o objeto com o intuito de subsidiar ações de intervenção, compreendendo a pesquisa como processo transformador no sentido de ampliar os horizontes de entendimento dos atores envolvidos²¹.

A opção do método a ser utilizado numa pesquisa deve estar associada ao tipo de conhecimento científico se pretende. Na pesquisa qualitativa há a associação a perspectiva da produção subjetiva, o que significa dizer que pretendemos trabalhar com as percepções, as apreensões de tais atores, concebendo o contexto em que essa produção subjetiva acontece. Assim sendo, entende-se por percepção a “união original do aberto e do apreensível, do dado e do tomado – ou do compreendido – no mundo”²² (p.112).

Tem como referencial metodológico os pressupostos da Abordagem Qualitativa em Saúde e o enfoque crítico-interpretativo, conjunto de achados da hermenêutica interessado no fenômeno da interpretação associada com os pressupostos da dialética^{23,5}.

Optar por esta temática como eixo norteador desta pesquisa surgiu da intenção de vencer a hegemonia do pensamento racional, dando assim credibilidade a modalidades de interpretação da realidade valorizando as singularidades de cada contexto ou caso e dos diferentes sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos inseridos nos contextos⁵.

Por se tratar de uma técnica que explora a subjetividade dos sujeitos envolvidos, é indispensável que o pesquisador tenha experiência no desenvolvimento deste tipo de atividade, pois os conflitos e situações podem surgir no desenrolar do processo^{24,25}. Os dados produzidos pela técnica poderão ser muito ricos, dando a quem ler a avaliação, uma compreensão das experiências dos participantes.

No que se refere a análise na abordagem qualitativa, os dados podem ser estruturados de forma organizada sem que se perca a noção do todo, porém também serão sujeitos a uma análise mais completa, baseada na subjetividade de cada participante. Procuramos perceber o significado do discurso, realizando assim, um trabalho bem mais completo e fidedigno. A operacionalização da análise poderá acontecer por meio da elaboração das categorias analíticas e empíricas⁵. A noção de tema permite um feixe de relações que podem ser representadas através de uma palavra, uma frase ou um resumo. O tema é uma unidade de significado, sentido. Realizar uma análise temática consiste

em descobrir os núcleos de sentido que estão presentes numa comunicação, cuja frequência tem relação com o objeto analítico pesquisado.

Seguindo esse desenho analítico, as categorias, poderão ou não, serem definidas antes da fase de coleta de dados. Estas serão selecionadas de acordo com a necessidade da pesquisa, com o objetivo de identificar e compreender as opiniões de uma parcela da população.

A ideia de análise, segundo Gibbs ²⁶, sugere algum tipo de transformação. O que se inicia com uma quantidade volumosa de informações se transformará em uma análise objetiva, clara, confiável e original. No entanto, existem controvérsias sobre o processo que conduz a essa transformação, como estes são construídos.

Alguns pesquisadores enfocam na formalidade, nos processos burocráticos desta construção – classificação, indexação, recuperação, categorização, sem se importar muito com a discussão que deve permear essas ideias analíticas que emergem de uma pesquisa qualitativa. Outros dirigem suas preocupações para a interpretação e podem deixar de lado pontos importantes que a burocracia (planejamento) nos traz. Mas o que realmente é relevante numa análise de dados?

Boa parte dos autores que discutem o tema reconhece que tanto a manipulação como a interpretação são fases importantes de uma pesquisa qualitativa. Podem acontecer ao mesmo tempo ou em sequência, tendo início com os procedimentos burocráticos e em seguida a interpretação e as conclusões^{27,28}.

Na pesquisa social, sugere-se a união entre coleta e análise, a análise começa no campo, à medida que o pesquisador coleta suas informações, constrói suas impressões e analisa os fatos, tudo ao mesmo tempo. Essa união permite o levantamento de novas questões para a pesquisa. O mais importante é ter consciência dos tipos de informação que serão encontradas no campo e a partir daí como elas poderão ser analisadas. Há uma gama extensa de maneiras de “olhar” as informações^{29,26}.

Optamos por um “olhar” mais aprofundado em relação as informações, numa perspectiva crítico-reflexiva, dialética, através das lentes dos pressupostos da hermenêutica.

Mergulhando no terreno das hermenêuticas, no qual se insere a hermenêutica dialética, não podemos deixar de registrar que sua fundamentação tem como interesse maior a compreensão dos significados das informações qualitativas oriundas do empírico. Então, podemos identificá-las como percursos metodológicos nos quais predominam a interpretação¹⁹.

As hermenêuticas, de acordo com Baumann³⁰, estão inseridas na mesma família das abordagens fenomenológicas e do existencialismo, onde suas contribuições científicas referem-se à compreensão dos fenômenos a partir da interpretação dos mesmos.

Para Dilthey, o conhecimento tem como base a vivência, sendo assim, acontece na relação entre o homem e o mundo. É neste sentido que o filósofo afirma que o discurso e as ações humanas

não poderiam ser analisados pelas ciências naturais, mas sim pelas chamadas “ciências do espírito”, já que a atividade humana está recheada de significados^{31,32,33}.

Ancorado neste pensamento, Gadamer³⁴ acredita que a vivência humana tem como característica a auto-interpretação que está relacionada à chamada “estrutura hermenêutica”¹. De acordo com Dilthey e Gadamer é na tessitura da vivência em cada palavra, frase, gesto e formas de expressão, que há a manifestação e a compreensão da e na vida vivida. Os seres humanos interpretam constantemente o seu viver, no entanto, a interpretação é intrínseca à experiência humana^{32,33}.

Há que se atentar para o fato de que Gadamer³⁴ não propôs um método ou metodologia para pesquisa, mas sim investigou filosoficamente as possibilidades de interpretação. O exercício de sua hermenêutica é uma postura epistemológica e não uma técnica a ser seguida.

Ricouer³⁵ contribui para as hermenêuticas, quando ressalta a importância do rigor na interpretação, apontando um caminho pelo qual o processo hermenêutico deve seguir certos padrões de argumento, com o objetivo de possibilitar a avaliação das diferentes interpretações e pela afirmação de que não é somente o texto escrito fonte para a interpretação, há significas em diversas formas de manifestação humana.

Para Foucault³⁶, na hermenêutica subjetiva subentende-se a iniciativa das interrogações a si e ao outro. É a maneira pela qual o pensamento se interroga sobre como o sujeito tem acesso à verdade. É o conjunto de práticas e experiências, retrocessos, avanços e provocações dadas ao sujeito para que este saiba o preço de se ter acesso à verdade.

Foucault³⁵ identifica três características principais no trabalho de Marx, Nietzsche e Freud, que para ele, oportunizaram o aparecimento de uma “hermenêutica moderna”. A primeira característica tem relação com o “espaço de distribuição no qual os signos podem ser signos”. Foucault assegura que do século XVI até o século XIX, esse espaço era homogêneo e os signos que nele estavam eram distribuídos também de forma homogênea. A redistribuição dos signos promovida por Marx, Nietzsche e Freud, deu início a uma nova dimensão no campo das interpretações, a dimensão da profundidade³; a segunda característica é a inesgotabilidade e a infinitude do processo interpretativo, visto que os três recusavam a ideia de haver um começo àquilo que se interpreta diferente da origem do signo e a terceira característica da hermenêutica moderna apresentada por Foucault é o fato da interpretação estar constantemente num processo de auto interpretação³⁶.

O “olhar” para as informações numa pesquisa qualitativa deve ser profundo, denso no sentido utilizado por Geertz³⁷. Segundo o autor, é a partir de uma densa descrição que se pode buscar uma explicação para o fenômeno estudado. O importante é que o tema pesquisado seja relevante e bem definido, “deve-se evitar dizer pouco sobre muito”³⁸ (p. 19).

Alguns cuidados devem ser tomados quando se fala sobre pesquisa qualitativa: o excesso de dados – uma quantidade excessiva, com o intuito de mascarar a insegurança do pesquisador, pode inviabilizar a análise; a busca por dados inacessíveis – tentando justificar a originalidade da pesquisa pode tornar a pesquisa impossível e o tempo gasto com ela desperdiçado; o uso de métodos inadequados – por modismo ou por falta de conhecimento, pode empobrecer a análise e enfraquecer a credibilidade e a veracidade das informações; o mesmo pode acontecer com o uso demasiado de técnicas – que denota a incapacidade de uma escolha adequada ou mesmo comprometer a qualidade da pesquisa²⁸.

Três aspectos éticos são bastante relevantes numa pesquisa qualitativa: o anonimato, a confidencialidade e o consentimento informado. Sendo importante pensar reflexivamente sobre ambos. São dilemas que devem refletir os procedimentos éticos que permeiam o discurso atual que se baseia na ideia de que os métodos qualitativos, por serem “mais humanos”, são moralmente superiores aos quantitativos, portanto isentos do rigor técnico e ético³⁸.

O anonimato, em algumas circunstâncias, fica quase impossível de ser mantido ou mesmo camuflado. Dependendo do local ou dos participantes, prometer anonimato é tarefa impossível. Alguns casos como a familiaridade do pesquisador com o ambiente de pesquisa e com os próprios pesquisados, os maneirismos dos discursos quando apresentados na transcrição, a entonação vocal ou mesmo o que se fala sobre o tema pode identificar o sujeito ou o contexto no qual ele está inserido. Então, antes de se comprometer em manter o “total” anonimato, deve-se considerar o nível de anonimato que pode ser alcançado com a pesquisa. Sendo, às vezes, necessário, negociar a revelação das informações e identidades dos envolvidos.

Como delinear as fronteiras da confidencialidade se ela se apresenta muitas vezes de forma ambígua. Em alguns casos as informações são advindas de observações ou mesmo relatos, mas que devem ficar em “segredo”, embora os documentos ou falas possam informar a análise, estes não devem ser diretamente citados ou referidos. Então, quando abordar a confidencialidade na pesquisa qualitativa, o pesquisador deve levar em consideração as diferenças existentes entre os tipos de informações colhidas, as que podem ser publicadas, as que devem ficar guardadas em um diário de campo pessoal.

Consentimento informado, o ponto central da ética na pesquisa, consiste na explicação antecipada de que se trata de pesquisa, o que ela pretende e qual será seu processo de desenvolvimento e como os dados serão usados a posteriori. O mais importante neste ponto é a explicação mais objetiva e clara possível, com o gerenciamento das impressões geradas e a negociação dos papéis. A finalidade é alertar o pesquisador sobre a situação que existe quando a obtenção do consentimento

informado acontece, não podendo jamais ser algo mecânico. Tem que ter sentido para ambos, o pesquisador e o pesquisado³⁹.

Apesar da aparente impressão de ética implícita, pesquisadores experientes identificam muitas maneiras pelas quais a ética pode faltar numa investigação qualitativa. Existem importantes questões éticas em cada uma das etapas da pesquisa, sendo assim, ingênuo tomar um estudo qualitativo como sendo intrinsecamente ético.

O que realmente precisa é que o pesquisador assuma uma postura qualitativa e a fundamente epistemologicamente. Não apenas pela escolha e o emprego de uma determinada técnica, mas considerar: a pergunta ou objetivo da investigação; uma determinada postura teórica ou epistemológica e a correspondente estratégia para a obtenção das informações e sua análise⁴⁰.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: ASSUMINDO VERDADEIRAMENTE UMA POSTURA

Antes de dar um ponto final a nossa discussão, a intenção deste texto não foi, nem por um momento, dar ênfase a um ou outro método de pesquisa científica, nem tão pouco discutir a aceitabilidade, credibilidade ou legitimidade de um ou outro. O desafio é, em suma, assumir verdadeiramente uma postura epistemológica na escolha de uma metodologia de pesquisa.

Não somos a favor de hegemonias ou mesmo hierarquias metodológicas, todos os métodos contribuem para a ampliação da compreensão dos fenômenos sociais. A combinação de métodos, fontes e dados abrilhantam e enriquecem a pesquisa. No entanto, quando pensamos que pesquisar nos espaços coletivos da saúde, é mais do que uma forma de construir conhecimento, mas é também um instrumento de transformação social, fica evidente a necessidade de se entender a complexidade existente.

Portanto, a investigação qualitativa, metodologia de pesquisa que veio das ciências sociais e humanas, possui o aspecto qualidade como modelo de fazer ciência, não obedecendo ao crivo positivista, não acreditando na existência de verdades universais e eternas, mas, focalizando o objeto de natureza subjetiva, a não neutralidade do pesquisador, a não representatividade estatística e por consequência a impossibilidade de generalizar os resultados e replicar os estudos^{40,41}.

Pesquisar nos espaços coletivos, assumindo a concepção qualitativa do fenômeno, solicita do pesquisador o exercício constante da sua posição ético política, a compreensão das construções intersubjetivas, a imersão nas relações sociais. Portanto, não cabe a mera aplicação de técnicas e sua discussão.

REFERÊNCIAS

1. Flick, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
2. Ipar, E. A corrente subterrânea da escola de Frankfurt: teoria social e teoria estética em Theodor Adorno, 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Programa de Pós-graduação em Filosofia.
3. Adorno, T.W.; Horkheimer, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. 2.ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
4. Alves-Mazzotti, A. J., Gewandsznajder, F. *O método nas ciências naturais e sociais; pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1999. 203 p.
5. Minayo, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
6. Severino, A. J.. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 14, n. 2, June 2000 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Jan. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392000000200010>.
7. Vale, E.G.; Pagliuca L.M.F.; Quirino, R.H.R. Saberes e práxis em Enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm* 2009 jan-mar; 13 (1): 174-180.
8. Batista, K. B. C.; Gonçalves, O. S. J.. Formação dos Profissionais de Saúde no SUS: Significado e Cuidado *Saude soc.*, São Paulo, v 20, n. 4, dezembro de 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000400007>. Acessado em: 08 de janeiro de 2013.
9. Russo, J. A.; Carrara, S. L. Sobre as ciências sociais na Saúde Coletiva - com especial referência à Antropologia. *Physis*, Rio de Janeiro , v. 25, n. 2, p. 467-484, jun. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

73312015000200467&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 set. 2015. Epub Jun-2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312015000200008>.

10. Gramsci, A. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
11. Peixoto, E. V. Gramsci e suas contribuições para a compreensão do trabalho docente, *Trabalho & Educação* – vol.17, nº 1 – jan. / abr. – 2008.
12. Lefebvre, H. *Lógica formal / lógica dialética*. São Paulo: Civilização brasileira, 1995.
13. Pichon-Riviere, E. (1998). *Teoria do Vínculo*. (6a . ed.). São Paulo: Martins Fontes.
14. Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
15. Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
16. Minayo, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
17. Testa, M. *Pensar em salud*. 3ed. Buenos Aires - Argentina: Lugar Editorial, 2004.
18. Onocko Campos, R. T. *Pesquisa Qualitativa em Políticas, Planejamento e Gestão em Saúde Coletiva*. In: Barros, N. F. Cecatti, J.G. & Turato, E.R. *Pesquisa Qualitativa em Saúde – múltiplos olhares*. Campinas, SP: UNICAMP / FCM, 2005. p. 261-271.
19. Tesch, R. *Qualitative research: analysis, type & software tools*. New York: The Falmer Press, 1995.
20. Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2006.
21. Japiassu, H. Apresentação. In: Ricoeur, P. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

22. Levinás, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
23. Bosi, M. L. M.; Mercado Martinez, F. J. Modelos avaliativos e reforma sanitária brasileira: enfoque qualitativo-participativo. *Rev Saúde Pública*, v.44, n.3, p.566-570, 2010.
24. Ressel, L. B.; Beck, C. L. C.; Gualda, D. M. R. ; Hoffmann, I. C.; Silva, R. M. S.; Sehnem, G. D. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 779-86.
25. Backes, D. S.; Colomé, J. S. Erdmann, R. H. ; Lunardi, V. L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *O Mundo da saúde*, São Paulo: 2011;35(4):438-442.
26. Gibbs, G. *Analysing Qualitative Data*. Thousand Oaks: Sage; 2007.
27. Flick, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
28. Stake, R. E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
29. Gil, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
30. Baumann, S. L. *Toward a global perspective of the human sciences*. Nursing Sciences Quartely, 2002.
31. Mills, M.B., Huberman, M.A. *Qualitative data analysis: an expanded sourcebook*. 2ª ed. Thousand Oaks (California): Sage Publications; 1994.
32. Amaral, M.N.C.P. Dilthey – conceito de vivência e os limites da compreensão nas Ciências do Espírito. *Trans/Form/Ação* 2004; 27(2): 51-73.
33. Uchimura, K. Y. *Integralidade e Humanização na Estratégia de Saúde da Família: percepção de atores implicados na Atenção básica de Fortaleza-Ce 2010*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva)- programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ce, 2010.

34. Gadamer, H.G. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes; 1997.
35. Ricoeur, P. *Hermeneutica e ideologias*. Petropolis: Vozes; 2011.
36. Foucault, M. A. *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
37. Geertz, C. *Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura*. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 13-41, 1989.
38. Silvermen, D. *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos, e interações*. 3. Edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.
39. Pope, C.; Mays, N., *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
40. Bosi, M. L. M.; Martínez, M. *Pesquisa qualitativa de serviços sociais* (orgs.) 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
41. Bosi, M. L. M. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 17, n. 3, p. 575-586, Mar. 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300002&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Sept. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300002>.